das estradas que sabem como evitar atoleiros, "costelas de vaca" e tantas outras situações incômodas que nós geólogos costumamos encontrar pelas estradas desse imenso território. O livro sintetiza também noções resultantes de trabalhos desenvolvidos pelo IPT nos últimos anos, em trechos experimentais de estradas paulistas. Sua utilidade é inegável.

As ilustrações, pelo menos na 1.ª edição, têm apresentação deficiente, pois algumas vezes não permitem visualizar detalhes (como às págs. 50, 112 ou 126). Trata-se, provavelmente, de imperfeição na impressão gráfica. No geral, a organização do texto é simples, e sua apresentação, agradável sob o ponto de vista de comunicação visual.

O texto contém noções básicas sobre materiais naturais de construção, características técnicas de estradas de terra e da execução de tratamento primário. São destacadas duas regras básicas: (1) manter a maior proximidade possível entre o leito das estradas de terra e a superfície do terreno; (2) manter um eficiente sistema de drenagem para evitar a deterioração dessas estradas. Finalmente os problemas mais comuns em estradas de terra são apresentados, focalizando suas causas e soluções. O trabalho conclui abrindo uma ressalva, por sinal convenientemente explorada ao longo do texto: o uso de maquinário é necessário na rede principal das estradas paulistas, mas sempre se deve ter em conta que os critérios e orientações são também válidos, mediante algumas adaptações, nos locais onde os trabalhos devam ser preferencialmente manuais.

Faz falta uma pequena listagem bibliográfica para o leitor que eventualmente desejar maior profundidade no estudo de determinado tópico. Na "Apresentação", a frase: "o manual não pretende ser apenas um receituário técnico pronto e acabado" sugere existir uma pretensiosa auto-suficiência para o trabalho. Mesmo considerando que se está fazendo uma referência a um papel estimulador da criatividade dos leitores diante das "situações técnicas e econômicas particulares de suas regiões", seria conveniente lembrar que o manual é só uma contribuição para isso, por sinal uma prática contribuição.

Celso Dal Ré Carneiro
Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo-IPT, Cx. Postal 7141, CEP 01000, São Paulo, SP, Brasil.

NOTÍCIAS

GEOTERMIA E ENERGIA GEOTÉRMICA

Com o apoio da Comissão Internacional de Fluxo Térmico (IHFC), e outras instituições nacionais e internacionais, o Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo (IPT) está organizando o Encontro Internacional de Geotermia e Energia Geotérmica (International Meeting on Geothermics and Geothermal Energy-IMGG). Trata-se do primeiro encontro nesse campo científico a ser promovido na América do Sul. O evento será realizado no Centro de Convenções do Hotel Casa Grande (Guarujá, SP) no período de 10 a 14 de agosto de 1986.

O temário do conclave contará com as seguintes áreas de pesquisas e desenvolvimento: Fluxo Térmico Crustal, Estrutura Térmica da Litosfera, Mapeamento Termal e Estudos Regionais, Paleogeotermia e Energia Geotérmica.

Para maiores informações contatar Dirce A. Duarte (Secretária Geral do Evento) pelo fone (011) 268-2211 (ramal 176).

GEOQUÍMICOS JÁ TÊM SUA ASSOCIAÇÃO

Foi criada em dezembro último a SOCIEDADE BRASILEIRA DE GEOQUÍMICA – SBGq graças aos esforços dos membros da Comissão Técnico-Científica de Geoquímica da SBG. A primeira direitoria da SBGq será presidida por Cláudio Vieira Dutra, no período de 1985-1987.

Os integrantes da nova Sociedade propuseram que a mesma se tornasse uma entidade filiada à SBG, nos moldes da Sociedade Brasileira de Geofísica e Sociedade Brasileira de Paleontologia, tendo em vista que a SBGq se propõe a desenvolver trabalhos em um dos ramos das ciências geológicas.

A SBGq tem sua sede no Rio de Janeiro e seu endereço para correspondência é Caixa Postal 2432, o fone é (021) 231-1950 (ramal 273).

X CONGRESSO BRASILEIRO DE PALEONTOLOGIA

A Sociedade Brasileira de Paleontologia fará realizar no Rio de Janeiro (RJ), no período de 19 a 25 de julho de 1987, o X Congresso Brasileiro de Paleontologia.

O encontro realizar-se-á nas dependências da Academia Brasileira de Ciências, à Rua Anfilófilo de Carvalho, nº 29 - 3º andar (Centro), na cidade do Rio de Janeiro.

Os interessados poderão obter maiores informações com a Comissão Organizadora do evento (a/c Secretário: José Henrique G. de Melo), Caixa Postal 229, CEP 20030, Rio de Janeiro (RJ), Brasil.

ESTÍMULO AO RECEBIMENTO DE ARTIGOS

As medidas mais importantes que vêm sendo tomadas (desde o ano passado) pelos editores da Revista Brasileira de Geociências para estimular o recebimento de mátérias são as seguintes:

1. maior rapidez por parte dos relatores e da CPRBG no exame de manuscritos;
2. fixação de prazos aos autores para a revisão dos originais;
3. publicação de resumos de teses, o que funcionaria como uma porta aberta para os autores divulgarem os trabalhos integrais na RBG;
4. maior cuidado na revisão de provas e no acabamento gráfico, por parte dos membros da CPRBG;
5. convite aos membros do Corpo Consultivo para fomentarem a remessa de artigos em seus respectivos campos de especialidade;
6. convite a alguns especialistas para elaborar artigos de revisão e síntese;
7. convite aos membros do Corpo Consultivo para apresentarem resenhas de livros, notas sobre publicações novas, notícias, etc.;
8. divulgação aos associados da SBG de circular sobre a Revista e nota "Alguns mitos sobre a Revista Brasileira de Geociências" no Jornal do Geólogo;
9. entendimentos com a Comissão Organizadora do XXXIV Congresso Brasileiro de Geologia para que as conferências apresentadas durante o evento sejam publicadas na RBG. Em parte, os temas foram selecionados a partir dos artigos de revisão e síntese, preparados a convite da Revista;
10. obtenção de apoio financeiro mais significativo, em valores reais, e redução dos prazos para liberação das verbas.

Caso a Revista não estivesse sendo editada com atraso, todas essas medidas seriam suficientes para atingir os objetivos editoriais que envolvem: (1) maior abrangência e quantidade de matérias e (2) recuperação do atraso das edições. Para recuperar o atraso, é preciso dispor, em volume duplicado, de material pronto para composição.

SATÉLITE SPOT-1

Foi lançado em fevereiro de 1986, da Guiana Francesa, o satélite SPOT-1 (Système Probatoire d'Observation de la Terre) pelo CNES (Centre National d'Etudes Spatiales), da França. O SPOT-1 opera em órbita circular, síncrona com o Sol, em altitude média de 830 km, com dois sistemas sensores (HRV 1 e HRV 2), idênticos, fornecendo dados multiespectrais (duas bandas no visível e uma no infravermelho próximo, todas com 20 metros de resolução espacial) e pancromáticos (uma banda no visível, com 10 metros de resolução espacial). A grande inovação do SPOT-1 está na possibilidade de fornecer imagens com estereoscopia, a nível orbital. Para avaliação preliminar destes dados, foi criado o PEPS (Programa de Avaliação Preliminar dos Dados SPOT-1). Tal programa recebeu para análise de seu comitê assessor técnico, mais de trezentas propostas de pesquisa, em campos de atuação multidisciplinares. As propostas selecionadas no PEPS receberiam, em primeira mão, os dados do SPOT, nas condições requeridas pela pesquisa, a preço de custo. O Brasil teve uma proposta em geologia selecionada pelo comitê do PEPS, referente a avaliação dos dados SPOT em discriminações litológicas no Vale do Curaçá (BA), em um estudo comparativo de desempenho, com fotos aéreas pancromáticas e imagens do satélite americano TM-LANDSAT-5 (proposta n.º 304, de autoria de W.R. Paradella, I. Vitorello, C.C. Liu, P.R. Menezes e J.T. Mattos, todos geólogos do INPE/MCT). Desta forma, se as condições de cobertura de nuvens permitirem, o Baixo Vale do Rio Curaçá, na Bahia, será a primeira área avaliada geologicamente, em termos dos produtos SPOT-1, no Brasil.